

Secretário tira o corpo fora. Eis a carta:

Espantou-me o gesto de meu jovem e caro amigo José Carlos de Andrade, ao renunciar à aceitação do Convite do governador José Aparecido de Oliveira para ocupar o cargo de titular da Secretaria de Cultura, a ser criada no Governo do Distrito Federal. Espanto tanto maior quando verifiquei que atribuía a razão de sua atitude a supostas desconsiderações minhas para com ele.

Disparate dos disparates. É de rir pretender-se o meu querido Zeca ter sido desconsiderado por mim. Por mim que o conheço e paternalmente o estimo desde a infância, pois que é o irmão cacula (dos homens) de meu estimadíssimo Evandro Carlos de Andrade. Devo esclarecer — para quem acaso não conheça a história da vida jornalística brasileira dos anos 50-60 — que Evandro Carlos de Andrade, hoje o ilustre Diretor de Jornalismo de "O Globo", é um dos mais brilhantes e queridos dentre os muitos filhos profissionais que mais me orgulho de ter criado para a nossa imprensa, no nosso inesquecível "Diário Carioca", justamente quando implantávamos, com uma equipe quase toda nova, a reforma da técnica redacional do nosso jornalismo, estruturalmente baseada no **lide e no copidesque**. Evandro revelou-se logo tão bem dotado de talento e de caráter que, ao ser eu promovido de Diretor de Redação para Diretor Geral do jornal, fi-lo meu sucessor, três anos apenas após sua admissão como estagiário — o que, aliás, causou-me, então, certos dissabores da parte de alguns bons veteranos da Redação, sem que eu, entretanto, jamais me houvesse arrependido da justiça que fiz ao então muito jovem (hoje avô) Evandro.

Digo tudo isto para que se avalue o carinho que sempre tive e manifestei pelo seu irmão mais moço, o nosso Zeca. O mesmo carinho com

que sempre o tratei e trato até hoje. O mesmo carinho com que respondi a um telefonema seu, creio que no dia seguinte à escolha de meu fraternal amigo José Aparecido para o Governo do Distrito Federal. Pedia-me, então, o Zeca que eu o indicasse, ao futuro Governador, para o cargo de Secretário de Serviços Sociais; ao que lhe respondi que sentia muito não poder fazê-lo, porque, em matéria de indicações governamentais, tudo que eu podia e estava fazendo era apoiar as indicações oficiais de meu partido, o PMDB, que, para aquela função, havia indicado um ilustre correligionário, do que resultou, aliás, a escolha, para o posto, de meu prezado companheiro e amigo Osmar Alves de Mello. Acrescentei, porém, que — embora não tivesse eu feito, nem viesse depois a fazer, qualquer indicação de caráter pessoal para a composição do Governo José Aparecido — teria eu muita alegria se pudesse apoiar seu nome para qualquer cargo; o que, de fato, fiz, dias depois, quando Aparecido me comunicou sua intenção de escolher o nosso Zeca para a futura Secretaria de Cultura.

A partir de então, fiz tudo para evitar a rejeição que sua escolha para a nova Secretaria provocou na comunidade cultural de Brasília; no que só não pude ser totalmente bem-sucedido porque os fatos ocorreram num ritmo de urgência imposto pela imediata extinção do prazo da interinidade do Governo de meu amigo Ronaldo Costa Couto. Esforcei-me, porém, ao máximo, para atenuar tais manifestações de desagrado, ao mesmo tempo em que determinei aos funcionários da Secretaria de Educação prestassem toda colaboração e respeito ao então futuro Secretário de Cultura, nas medidas preliminares à sua instalação — o que estou seguro de que realmente ocorreu.

O alegado motivo do amuo de meu jovem amigo Zeca parece ser a nomeação do nosso amigo Wal-

ter Mello para a direção do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Educação e Cultura — nomeação que fez parte de um pequeno lote de atos que, embora decididos por mim desde minha nomeação para a Secretaria, só no meio da semana passada level à sanção do Governador, pois que até então limitaram-me eu a preencher apenas três cargos (Chefe do Gabinete, Diretores das duas Fundações) que recebi, vagos, à espera de que a interinidade do Governo se constituísse em efetividade. Tal nomeação, de resto, só teve por objetivo substituir inoperância por operosidade. Espanta-me, ainda mais, contudo, a reação retardada de meu jovem amigo Zeca, pois que — já após a publicação de tais atos (na noite mesma de sexta-feira passada) — estivemos juntos, exatamente na reunião da comissão estruturadora das novas Secretarias, no gabinete do Chefe da Casa Civil, e nos tratamos, então, como sempre, com a costumeira cordialidade afetuosa.

Só posso, pois, atribuir tudo isto a uma intriga ou cilada armada por inimigos gratuitos (ou talvez nada gratuitos mesmo) meus e/ou dele próprio — Zeca —, não sei para que inconfessáveis fins. Sei, sim, que meu jovem amigo deve precaver-se contra tais manobras para que não fique a desempenhar o papel de inocente-útil, a serviço inocente (que lhe sirva de escudo o pleonismo da inocência, inútil para ele, útil para quem pretenda estar a manobrá-lo), a serviço inocente — repito — de não sei que grupo (ou grupos) para não sei que fim (ou fins), mas seguramente fins decerto contrários aos objetivos de democracia e probidade que devem caracterizar a obra da Nova República em Brasília e no Brasil, assim como têm caracterizado, invariavelmente, toda a minha vida pública e particular.

POMPEU DE SOUSA